

Uma Metrópole Invisível: As relações comunicativas da juventude rural do sertão pernambucano com a juventude urbana nordestina em São Paulo na construção do discurso e do imaginário da metrópole¹.

Ricardo Duarte Gomes

(Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO)

Jornalista, Roteirista de RTV, Mestre em Comunicação e Professor Assistente I dos cursos de Comunicação Social e Turismo. Membro do Colegiado do curso de Comunicação Social da Universo, campus Recife.

Mail: semog_33@yahoo.com.br

Resumo

Descrição e análise do discurso de textos falados por jovens rurais pernambucanos e as relações comunicativas desses com jovens urbanos nordestinos em S. Paulo. A análise se baseia nas definições de Eni Orlandi (2000) sobre falas já ditas, não ditas e ditas, para se identificar “operações marginais” à influência hegemônica dos valores simbólicos e culturais da metrópole e “decodificação crítica” por parte da juventude rural no imaginário de S. Paulo. Considera-se a fala dos jovens do passado (idosos) enquanto o já-dito que dá sentido ao discurso dos jovens rurais de hoje. O ideal de “prosperidade” presente no discurso da juventude rural está presente ontem e hoje, mas convive em paradoxo com a “decodificação crítica” no ideal de “decadência” da cidade grande. Uma rede de relações comunicativas se forma enquanto “operação” à margem da hegemonia cidadina.

Palavras-chave: Juventude Rural, Minorias, Relações Comunicativas, Etnicidade.

1. Considerações Iniciais

Os textos falados por uma juventude rural nordestina, em especial os textos que remontam o discurso imaginário da cidade de São Paulo, fazem parte de um comportamento silencioso. O silêncio dessa minoria pode conter várias representações e movimentos: o introvertido “caipira” vislumbrado com os signos hegemônicos da cidade grande; a proliferação demográfica silenciosa de nordestinos na capital paulista ao longo dos anos; a emergência silenciosa da cultura híbrida do nordeste na cidade; o pouco que se fala sobre a migração de nordestino para São Paulo nos telejornais (que ainda continua, mas não na intensidade de antes).

O crescimento demográfico das cidades, por outro, mostra que pouco mais de 18% do Brasil é rural. Ou seja, a juventude rural se configura como uma minoria da minoria na cultura rural, já que os nordestinos na metrópole formam grupos sociais minoritários. Um outro aspecto é que o Brasil rural parece se desintegrar, assim como suas formas de comunicação endógenas a cultura local, em função da secular hegemonia da “cidade” sobre o “campo”.

¹Trabalho apresentado ao NP 13 – Comunicação e Cultura de Minorias, do XXVIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

As comunicações (no plural), por um lado, são visíveis cada vez mais no tocante as tecnologias dos meios eletrônicos e digitais, coisa predominante nas sociedades urbanas. Estuda-se e dá-se clareza à megalópole das redes, dos fluxos (cabos, fibras, antenas, captadores, receptores, etc). As comunicações invisíveis, por outro lado, demonstram condicionantes desses silêncios e dessas luzes. E está geograficamente situado no mundo rural².

Discutir tecnologia, sociedade e cultura nos países periféricos, sobretudo no Brasil, é discutir tanto as implicações dessas temáticas geograficamente – entre o país urbano e o país rural – quanto ir além das questões meramente socioeconômicas e políticas que envolvem ambos universos.

A hegemonia da “cidade” sobre o “campo” não cresce apenas, e somente apenas, levando-se em conta as diferenças de desenvolvimento econômico, de avanço social e político. Há uma indiscutível hegemonia simbólica e cultural da megalópole sobre o mundo rural que evolui ao longo dos séculos, uma relação de poder do império sobre a colônia, do “novo” sobre o “velho”.

No tecnocentrismo (a máquina da informação como centro do universo) o “caipira” se encanta com a informação em forma de símbolo de uma cultura urbana (Debord já dizia que o capitalismo adquiriu tal grau de velocidade que virou imagem, ficou invisível). Entretanto, examinando as características desse sistema hegemônico, é uma “imagem centrada” em um pólo que sempre irradiou valores urbanos através dos séculos. Só que, na contemporaneidade, coloca-se uma lupa nessa relação de poder de uma região sobre a outra e amplificam-se aos olhos do observador; aceleram-se as relações cotidianas na vida e, por conta dessa amplificação e velocidade, podemos nos meter a descrever tal imagem: trata-se da hegemonia de cidades imagem-informação que toma forma sistêmica como estratégia de operar e manter sua hegemonia, intrincando os mesmos valores simbólicos de uma metrópole com outra, em um sistema que se sustenta no sistema capitalista e se regenera pela legitimidade da cultura local, a comunidade rural.

Ante a uniformização hegemônica do símbolo e da cultura urbanas, o interesse mercadológico, o controle, o consumo de valores citadinos, há como visualizar formas de resistência a ordem hegemônica dos valores urbanos e contra-hegemonia mediante avaliação crítica do mundo urbano, desenvolvimento de meios populares próprios de interação de informação além dos meios eletrônicos uniformizadores e falas de resistência.

² Refere-se sempre aos termos “país rural” ou “mundo rural” como sendo a pequena cidade rural, distrito rural ou vila rural, especialmente nesse estudo o mundo rural sertanejo e pernambucano.

Os pólos de cidades imagem-informação representados pelas megalópoles operam irradiando valores ao mundo rural tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pelos meios próprios de interação de informação desenvolvidos pela comunidade rural. Essa cultura urbana irradiada se mantém reforçando signos já consolidados, autoregenerando normas sociais e modelos culturais, principalmente pela televisão, no caso da juventude rural. O objetivo desse sistema de operação e manutenção da hegemonia “cidade” sobre o “campo” se dá por acoplamento ao esquema mental ou imaginário da cultura local receptora. Isso explica em parte por que determinados programas de televisão funcionam melhor em uma cultura que na outra.

Nos sítios do sertão pernambucano, os programas de televisão são irradiados em sua maioria através das parabólicas aos sítios do sertão de Pernambuco³, o que amplifica ainda mais o sistema hegemônico. Observando isoladamente o caso da televisão no meio rural pernambucano, tem-se inicialmente os gêneros em formatos já presentes na televisão, que ditam normas e modelos urbanos a serem seguidos pela juventude rural.

Aronchi de Souza (2004) explica que existem três grandes classificações para os programas de televisão no mundo desenvolvido: programas à família, programas com assuntos específicos e programas onde há “um público específico, jovem e metropolitano, promovendo uma identidade globalizada”. Ou seja, existe uma movimentação em favor de uma ordem global metropolitana que investe de poder o jovem urbano para se comunicar com o jovem rural, não-metropolitano.

Especialmente no Brasil, segundo Aronchi, os gêneros televisivos obedecem a quatro classificações de programas: entretenimento, informação, educação e publicidade, sendo o primeiro predominante.

A “televisão urbana” através das parabólicas difundem ainda mais os valores de um “jovem metropolitano, promovendo uma identidade globalizada” à juventude rural, identidade que só é possível de alcançar se existir migração à metrópole. Quando se pensa no jovem rural e a “televisão urbana” importante perguntar: Entreter movimentando quais valores? Qual informação circula, pulsa entre pólos? Esse tipo de educação utiliza quais símbolos?.

Essa relação de poder de uma região sobre a outra mediante imaginários instituídos, o fortalecimento cada vez maior das megalópoles infladas em signo imagético da

³ Durante o período eleitoral, em 2004, a maioria da população rural em Pernambuco teve que se contentar com o Guia Eleitoral dos candidatos à sucessão municipal em São Paulo. Assim deve ocorrer em 2006, quando a maioria com antena parabólica não assistirá a sucessão estadual no Estado.

superinformação de valores urbanos, a herança simbólica e cultural deixada pelo sertanejo para filhos e netos a respeito da “prosperidade” e da “melhoria de vida” na metrópole, só demonstram um movimento sistêmico de valores, sua consolidação e sua maior visibilidade através de um determinante essencial: as formas e meios hegemônicos de comunicação, organizados em rede, de jovens urbanos sobre jovens rurais.

2. Identificando a rede, os movimentos e as formas de comunicação

Não se fala do rural com a mesma intensidade do urbano. Seja nas cartas intercambiadas pelos jovens urbanos e rurais, sejam nos programas televisivos, nos telefonemas. O motivo da conversa entre jovem urbano e jovem rural é o modo de vida na metrópole. Fala-se dos parentes da vila, de fulano ou cicrano do sítio tal, mas o que importa mesmo é a cidade grande.

Quando os paulistas visitam a vila rural são eles o centro das atenções, transformando-se em imagem-informação sobre a cidade: suas roupas, seus comportamentos, suas gírias do paulista da periferia. Sim, o paulista-nordestino em São Paulo vive na periferia, não no centro das atenções, por isso na vila rural ele é um “rei” (“lorde”, “herói” ou “sabido”, como dizem os depoimentos). Nota-se que esse poder simbólico do jovem urbano paulista sobre o jovem rural sertanejo pernambucano é aceito na cultura do mundo rural.

Isso também define o mundo rural para os sertanejos nordestinos além do bucólico, mas também como um lugar que antagoniza os valores urbanos de melhoria de vida, de emprego, renda, diversão, lazer, moradia, miséria, violência, congestionamento, etc.

2.1 As formas de comunicação próprias da população rural

Umberto Eco certa vez dissertou sobre “guerrilha receptiva” que seria o fornecimento de instrumentos para a decodificação crítica das mensagens hegemônicas na mídia. Há, por outro lado, a chamada “operação marginal” que seria aquela manifestação fora do circuito normal onde a população cria os próprios meios de transmissão de mensagens. Isso seriam formas de comunicação próprias da cultura local.

Como se sabe o mundo rural nordestino, sobretudo pernambucano, sofre da ausência de tecnologia suficiente para o desenvolvimento de outras mídias além do rádio e da televisão. Falta posto de saúde, saneamento, mas há diversas antenas retransmissoras de tevê. Mesmo assim o aumento da informação sobre São Paulo entre os jovens rurais criou também uma

decodificação crítica que se desenvolve através de meios próprios de interação das mensagens: as cartas, o telefone e as visitas periódicas dos parentes paulistas na vila rural.

Há que se ressaltar algo importante: existe a decodificação crítica instituída pelo veículo de massa, a televisão, quando exhibe notícias sobre desemprego, miséria e violência na cidade de São Paulo; existe a decodificação crítica endógena às formas de comunicação inventadas pela comunidade rural. Parte-se do pressuposto que a “operação marginal” exercida pela população rural frente a hegemonia da “cidade” sobre o “campo” parece ser uma resposta a falta de informações sobre seus parentes paulistas, insuficientes via veículo de massa (rádio, televisão).

Não há uma forma de resistência aos valores urbanos no mundo rural enquanto impera o signo da metrópole como “melhoria de vida” ou “prosperidade”. Entretanto, na proporção em que a metrópole torna-se mais conhecida, a decodificação crítica sobre a metrópole se desenvolve dentro de um outro signo, o da “decadência” da cidade. A forma de comunicação interativa além dos meios eletrônicos contribui muito para isso.

Recentemente a chamada ciência das redes⁴ começa a desenvolver estudos sobre redes sem escala e sistemas de comunicação apoiados na compreensão de realidades históricas e culturais⁵ e na melhoria das políticas públicas de saúde, sem necessariamente se restringir a meios massivos, dirigidos, digitais, de transmissão eletrônica ou impressa.

Para esse campo de estudos, a comunicação está em rede de relacionamentos, ou seja, nas sociedades complexas só há comunicação se as informações estiverem relacionadas em conjuntos e subconjuntos. O grupo minoritário de jovens rurais pernambucanos se relaciona com o ambiente externo, influenciado pelos jovens rurais do passado (idosos); por sua vez outro grupo minoritário, os jovens urbanos, se relaciona com o ambiente externo formado pela comunidade de nordestinos e migrantes do passado na metrópole.

2.2. Movimentos: as lógicas urbana e rural

O meio ambiente rural (exterior ao sistema de interações socioculturais das minorias rurais) reage ante a hegemonia da cidade grande com os conceitos de sustentabilidade e de

⁴ As chamadas *scale-free networks* (redes sem escala) foram desvendadas por Albert-László Barabási⁴, utilizando um *software-robô* para analisar as conexões na *web*. Barabási descobriu que muitos sítios na *internet* estão conectados a alguns poucos e uma minoria de sítios tem número grande de *links*. O número de *links*, portanto, não predominava, então Barabási chamou-os de “sem escala”. A partir da noção das redes *scale-free*, os sistemas físicos e biológicos passaram a dá importância aos nódulos – sejam eles pessoas, computadores, vírus ou outros organismos biológicos. Os nódulos são vistos como cruciais à estrutura das redes *scale-free*, pois sem os nódulos a estrutura se esboroa (Barabási, 2003).

⁵ O historiador Andrew Roach, especialista em Idade Média da Universidade de Glasgow, estudava a perseguição dos heréticos medievais – pessoas em países católicos que rejeitavam a autoridade do papa – e constatou que no século 13 os inquisidores católicos pararam o avanço da heresia explorando princípios muito semelhantes do que a ciência das redes utiliza atualmente para descrever estruturas sociais e internet (Barabási, 2003).

autoregeneração, princípios básicos dos estudos sobre os sistemas de comunicação⁶. Por outro lado, no meio ambiente urbano mostra é hegemônica a idéia de um mundo sob o domínio do império de sistemas de comunicação binários e neuróticos⁷; computacionais.

Esses meios ambientes urbano e rural possui uma lógica diferenciada e influi de alguma maneira sobre seus subconjuntos de agrupamentos socioculturais (família, parentela e jovem). Isso se reflete na informação trocada pela rede comunicativa.

A fusão entre a lógica booleana da máquina com a lógica biológica da Natureza traduz o paradoxo vivido entre as duas regiões. A geometrização da cidade é vertical enquanto que a geometrização do campo é horizontal.

Importante salientar que esse paradoxo é aparente, pois há um movimento na direção da uniformização de uma única lógica, a urbana. Se não, vejamos :

- Com a instituição de um “Brasil urbano único” como diretriz dos planos diretores de ordenamento urbano das metrópoles, já se pensa em supermetrópoles ou megalópoles com o desenvolvimento de regiões metropolitanas das capitais, engolindo pequenas cidades circunvizinhas (cogita-se a cidade de Caruaru-PE futuramente como parte da Região Metropolitana do Recife);
- A concentração de riquezas nesses megapólos de desenvolvimento será cada vez mais evidente, pois essa estrutura sedimentada em pólos de desenvolvimento condiz ao capitalismo;
- Conseqüentemente, o aumento do inchaço simbólico desses megapólos atualiza velhas representações sobre a cidade grande “próspera”, “glamourosa”, ‘o lugar da melhoria de vida”, etc. na comunidade rural.

⁶ Ciro Marcondes Filho há mais de dez anos investiga uma nova teoria da comunicação. A obra “O escavador de silêncios: formas de construir e desconstruir sentidos na comunicação” busca ser a Parte II dos estudos sobre as NTC’s no Brasil e traz para o público brasileiro, pela primeira vez, a obra do sociólogo alemão, ex-discípulo de Junger Habermas, Niklas Luhmann. Há poucos livros de Luhmann traduzidos do alemão para o espanhol (*La realidad dos mídias*, por exemplo, é um deles) e o que torna-o interessante é a primeira abordagem do sistemismo na comunicação, trazendo o conceito de autopoiesis da biologia de Maturana e Varela para o campo comunicacional.

⁷ A teoria matemática da informação nos ensina que ou selecionamos informação que gera conhecimento de alguma coisa (1) ou descartamos informação que não nos interessa (0) – de maneira coletiva ou individual. O “um” (1) seria a representação da informação que gera inteligência (artificial ou não) e o “zero” seria a representação matemática da informação excluída, que não serve para o sistema de expansão do conhecimento a partir das informações significativas (1). Essa lógica binária entra em conflito com vários postulados A) *da psicanálise e da psicologia*: segundo Jurandir da Costa Freire (Paradigmas do Século XXI – TV Cultura, Programa “Café Filosófico”), a lógica binária é neurótica, assim como pensar o mundo mediante frases como “ou 8 ou 80”, “ou “É preto ou é branco”, etc. O mundo é multicolor e com diversas tonalidades que se hibridizam (sem perderem-se as bases fundamentais, não necessariamente binárias); B) *da teoria do desenvolvimento sustentável e integrado*: o conceito de desenvolvimento ou crescimento com sustentação pressupõe a integração de eventos econômicos, culturais, sociais e ambientais antagônicos ao velho conceito de desenvolvimento sem ordenação e limites com vistas a preservação das espécies. Esse conceito tem sido modificado principalmente a partir do conceito de autopoiesis advindo da biologia. O que faz, por exemplo, uma célula com um câncer maligno parar de crescer? A *informação* de que faz-se necessário parar de crescer. Portanto, o velho conceito de *desenvolvimento é cancerígeno*, pois não limita, reciclando os gases poluentes; não impede a especulação imobiliária do desmatamento desenfreado de mangues e florestas nativas nas áreas urbanas ; etc.

- A diminuição demográfica do Brasil rural, segundo o Censo do IBGE (2000)⁸, faz uma maioria populacional expressiva viver sob essa lógica computacional das grandes cidades e reproduzir essa ideologia às minorias rurais.

A idéia das “supermetrópoles”, como solução, toma por base os diversos e variados problemas existentes nas grandes cidades e cidades vizinhas, como violência urbana, desemprego, miséria, falta de habitação, que nas últimas décadas tem aumentado o símbolo da “decadência” sobre cidade grande, em especial São Paulo.

2.3. A “operação marginal” da rede: estrutura e conteúdo

Com a viagem dos parentes para a “terra estrangeira” e “nova” chamada São Paulo, principalmente na segunda metade do século passado, surge a necessidade de intercambiar informações sobre a situação de vida do sujeito na cidade grande. Aparecem as cartas na década de 70: sua periodicidade, seus mensageiros, suas fotografias da cidade grande, os bilhetes de amor, o dinheiro para a compra do remédio. Os primeiros “caipiras” retornam em visita à vila rural “civilizados”: de paletó, de gravata, de chapéu, com dinheiro no bolso, contando histórias sobre o “novo mundo”. Com a privatização da TELPE (Telecomunicações de Pernambuco), na década de 90, o Grupo Iberdrola, de Portugal, investe na malha da telecomunicação. Proliferam-se os telefones público nas vilas e distritos rurais; as assinaturas de telefones fixos e celulares.

O conteúdo das informações dessa rede de comunicação é a vida cotidiana na metrópole. A escolha do que é notícia sobre a cidade grande também exerce um papel fundamental na construção das representações de “prosperidade” e “decadência”. O ambiente externo em que vive o jovem urbano define o que é notícia a ser enviada para o mundo rural (por vezes diferente da pauta dos telejornais): o lugar do “o bem de vida”, a cidade das oportunidades, o lugar onde acontece de tudo, ou sua hora de estrela.

A análise do discurso dos textos falados por jovens rurais facilita a compreensão dessas relações comunicativas e dos ambientes externos urbano e rural, mas sabe-se que não responde tudo. O estudo do discurso se baseia nas definições de Eni Orlandi em “Análise de Discurso” (2000) sobre falas já ditas, não ditas e ditas. O estudo sobre o imaginário de cidades

⁸ Segundo o Censo 2000, apenas 18% moram na chamada zona rural brasileira na atualidade. Acontece que a metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi contestada por pesquisadores de várias instituições de pesquisa pelo seguinte motivo: o que o IBGE chama de zona urbana são mini-cidades nordestinas abaixo da linha de pobreza, que são bem mais rurais que urbanas. Não se leva em consideração “zona urbana” especificamente as metrópoles, como as capitais e cidades mais desenvolvidas socialmente, economicamente e culturalmente. Sabe-se que os pesquisadores propõem, portanto, uma nova metodologia, que faria o índice das pessoas que moram na zona rural subir para perto dos 25%.

busca apresentar a imagem da metrópole enquanto um espaço de paradoxos e atualizações sem perdas de memória coletiva.

4. Delimitações Teórica e Metodológica

4.1. Teórica

A contra-hegemonia é pensada sem considerar como parceiro os meios de comunicação e seu papel no processo hegemônico existente da “cidade” sobre o “campo”, isto é, não é objetivo identificar os modos de falar marginal a ordem hegemônica via meios eletrônicos (como rádio comunitária, tv comunitária, etc.).

A resistência à ordem hegemônica dos valores urbanos não se dá na direção da construção de uma “nova hegemonia”. O que se percebe é a existência de decodificação crítica e “operação marginal” no sentido daquilo que disseram certa vez Anamaria Fadul, Carlos Eduardo Lins e Silva e Luiz Fernando Santoro, em artigo apresentado ao IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em setembro de 1981.

O conceito de contra-informação é útil para o IV Ciclo conforme entendido por P. Baldelli que compreende como as práticas de comunicação e de militância política que resistem à ordem hegemônica vigente e lutam pela instalação de uma nova hegemonia. Isto pode ir desde a “guerrilha receptiva” de Eco (ou seja, o fornecimento de instrumentos ao consumidor para que ele possa fazer uma decodificação crítica das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação) até a utilização marginal dos meios de comunicação (ou seja, a operação clandestina fora do circuito normal, a criação de meios populares próprios de transmissão de informações) (...). Enfim a contra-informação pressupõe um processo que visaria (segundo Baldelli) “garantir a circulação de informações sobre situações de classe à margem dos canais controlados pelo poder constituído e também utilizando os espaços que as contradições da burguesia oferecem no seio desses canais”. (Lins da Silva, 1982:14).

O contexto atual é outro, porém utilizando essa citação enquanto um resíduo importante para essa pesquisa, entende-se a impossibilidade momentânea da instituição de uma “nova hegemonia” (do “campo” sobre a “cidade”), sendo então desnecessária a explicação dos conceitos de militância e luta; a inexistência de instrumentos estimuladores da decodificação crítica, apesar da existência dessa última na juventude rural; a visibilidade através de uma forma própria de comunicação da população rural de obter informações de sua etnia à margem dos canais controlados pelo poder constituído.

Considera-se a “operação marginal” enquanto uma movimentação da população rural inerente a Comunicação Humana. Assim como o instinto de sobrevivência, a humanidade necessita de informação e comunicação.

A linha da análise do discurso (campo tradicional da Linguística) é considerado por Marcondes Filho (2004:11) como elemento do subconjunto da área de Comunicação Humana:

a comunicação pertence, em primeiro lugar, ao campo da filosofia e somente depois aos campos derivados da lingüística, semiologia, semiótica e das teorias gerais de símbolos. E por pertencer antes ao campo da filosofia, a comunicação jamais pode integrar outro campo, como o das linguagens; ao contrário, são as ciências da linguagem que devem subsumir-se ao campo mais amplo, o da comunicação humana. Portanto, a comunicação é o conceito amplo; as linguagens um estudo setorial.

Dentro desse estudo setorial que são as pesquisas envolvendo símbolos e dos discursos, do ponto de vista da função técnica da Comunicação, a maioria das investigações buscam entender os procedimentos de comunicação (que nesse estudo chama-se de “operação marginal”) à coleta, à organização, à classificação, à recuperação e à mediação de informações (Lucia Santaella, 2001).

Ou seja, a função técnica da comunicação envolve várias formas de se comunicar – sobre uma plataforma tecnológica, essa função técnica seria multimídia – e leva em conta para isso a necessidade de uma mediação de informações proposta em um código de sentidos sistêmico, seja útil como troca, armazenamento ou aquisição de informação.

Nas três últimas décadas a tecnologia na comunicação humana de recuperação da informação também tem se desenvolvido rapidamente, em função dos aparelhos técnicos. Pode-se dizer que entre a juventude rural há troca, aquisição e armazenamento, mas não há recuperação de informação sobre a metrópole. Essa recuperação se dá mediante a memória coletiva dos jovens rurais do passado (já-dito), com a história oral, que dá sentido as informações trocadas e adquiridas.

Diante disso, vem se tornando cada vez mais importante para a ciência da informação a busca de princípios gerais que guiam a cognição e a recuperação da informação pela mente humana (cf. Ingwersen *apud* Brien, 1996:282)⁹

Recuperar informação é também romper o silêncio. Trazer à tona um debate que envolve jovens rurais pernambucanos e seu imaginário desloca impedimentos ao acesso da ciência ao ponto de vista da minoria rural e do silêncio do mundo rural, que se depara hoje com o avanço dos aparatos tecnológicos do mundo urbano contemporâneo.

Não há interação homem e máquina nesse estudo. Mas há como falar de uma “comunicação humana multiforme”, sistemas de comunicação, rede interativa, recuperação de informação, etc. Não há algo sobre a técnica dos computadores, sobre a lógica matemática e tratamento do som e da imagem. Mas há como falar de telecomunicações, linguagem textual falada e escrita, e de uma técnica interativa multiforme.

⁹ BRIER, Soren. The usefulness of cybersemiotics in dealing with problems of knowledge organization and documents mediating systems, *Cybernetica*, No 4, Vol. 34, 1996, p.273-299

4.1.1. Signo e Discurso: um contorno à pesquisa

O signo sendo ideológico (Bakhtin), representa e toma um formato concreto através do visual, da fala ou da escrita, e é tão material quanto a realidade. Ao mesmo tempo, o signo tem o poder de representar a própria realidade. Diz Santaella (1992:38): “Seu caráter, portanto, é o caráter de um duplo. Sem deixar de ser ele mesmo, ele representa, substitui, aponta para, ocupa o lugar de um outro que está fora dele”.

O duplo paradoxo do signo (Volochinov) define o mesmo como um duplo: na leitura do dito (Orlandi) nos textos falados pela juventude rural, o signo da metrópole na comunidade funciona como algo que é a cidade grande das oportunidades, enquanto que na leitura do não-dito o signo refletirá a racionalidade social do cotidiano, retratando, transfigurando, deformando a realidade. Por isso Castoriadis (1995) já afirmava que o imaginário não é o reflexo da realidade, assim como o espelho reflete as coisas.

Por mais fiel que seja o signo com a realidade ele nunca será esse outro deformado refletido, porém não deixará de ser o signo que é. “Entre o signo e aquilo que ele representa abre-se a brecha, o hiato, a fissura da diferença” (Santaella, 1992:38). Ou seja, nos textos falados dos jovens rurais, entre o dito do signo e o não-dito é que abre-se a diferença que une ambos: o já-dito.

Na cultura das mídias ou medias, a realidade é capturada com todos os seus signos, pela fotografia, pela memória do indivíduo, pela televisão. Os indivíduos utilizam instrumentos para presentificar a materialidade dos signos. Através das máquinas, por exemplo, os indivíduos introjetam sistemas codificados de representação que não nos mostra a realidade objetiva, mas representam um mundo. Assim o *já-dito* se imprime, através da escritura de cartas, através de uma indumentária programada para representar socialmente um outro mundo.

Como se pode ver, quanto mais estreitado aparece o vínculo físico entre o registro e o objeto registrado, mais se alarga a fenda aberta entre o signo e a realidade, colocando-nos cara-a-cara com a fugacidade do vivido, dilatando a nossa consciência de morte. (id.ibid.: 39)

Essas informações sobre São Paulo reduzem o que é a metrópole pois são duplos paradoxais: para os jovens rurais de ontem (textos falados dos idosos), a realidade que se viu na metrópole paulista é aquilo que, ao longo da história cultural e simbólica da população rural, vai escapando, recuando, escorregando.

A velocidade da telecomunicação e a visão em tempo real do que é São Paulo através da televisão, estreita o vínculo físico entre a realidade objetiva da metrópole e o imaginário da

cidade, provocando o que Santaella afirma como sendo o recuo entre o signo e a metrópole real.

A realidade da metrópole capturada, congelada pelo indivíduo através da sua memória (ou da câmera de vídeo), não pode se repetir. É justo o que morre, pois: “a presença do signo é uma espécie de morte porque ao representar alguma coisa, a representação vive vicariamente no lugar daquilo que é por ela representado” (id.ibid.:40).

O registro diz o que vê. E o objeto (a cidade) aparece na frente dos indivíduos, estejam eles na cidade ou assistindo-a pela televisão. Tanto uma coisa quanto outra vai aumentar o já-dito entre a cidade imaginária de antes na memória dos indivíduos e o que ele vê em outro instante. Essa atualização do imaginário da metrópole se dá por compreensões simbólicas de perda/resíduo, isto é, ao mesmo tempo em que se perde informação, reforça antigas informações e incorpora outras novas. A coletividade, então, é fundamental para o estabelecimento desse já-dito sobre a metrópole paulista nas vilas rurais pernambucanas e, sem essa coletividade, não haveriam relações comunicativas.

Nos textos falados dos jovens de ontem a metrópole da “prosperidade” se firma como um único símbolo em comum por conta da coletividade e da atualização do imaginário através da rede interativa entre os jovens rurais de hoje e os jovens paulistas. São dos jovens de ontem a idéia de “decadência” atual da metrópole, que só faz sentido por conta de um já-dito. E nos textos falados pelos jovens de hoje o já-dito dá sentido a representação e a descrição repetidas da cidade grande.

A atualização do imaginário provocada pelas formas de comunicação (telefonemas, cartas, visitas, televisão) provoca esse recuo (Santaella) da realidade objetiva da metrópole, pois vive o símbolo. A imagem congelada na memória vive mais do que a própria realidade. Com a morte do real, o já-dito dá sentido àquilo que não se diz e ao que se diz sobre a cidade grande.

4.2. Metodológico

Escolhe-se o município de Buíque, sertão de Pernambuco, e três vilas rurais: Vila Tanque, Vila Guanumbi e Vila dos Carneiros. De antemão descobriu-se que a região possui uma relação intensa com São Paulo, onde o caráter da hegemonia da “cidade” sobre o “campo” é bem visível.

Seleciona-se a categoria dos Jovens Rurais para identificar o movimento ideológico da Juventude Rural ao longo dos anos, na relação com São Paulo.

Traçamos dois momentos históricos distintos para termos a trajetória das formas de comunicação dos jovens rurais dos anos de 1960 - quando não existia no meio rural pernambucano os fluxos de comunicação eficiente e uma malha viária adequada para o tráfego de informações – até os dias atuais.

Utilizo entrevistas semi-estruturadas e método qualitativo de levantamento da memória e da história oral dos sujeitos sobre o imaginário da metrópole, como recomenda José Carlos Sebe Bom Meihy no “Manual de História Oral” (1998). No campo do imaginário, considera-se a metrópole invisível enquanto uma síntese de representações paradoxais para o ponto de vista dos jovens rurais pernambucanos: a cidade está entre a lagarta e a borboleta, pois é ao mesmo tempo a idéia da “prosperidade” do passado e a idéia da “decadência” da atualidade.

A pesquisa também utilizou as diretrizes sobre o método qualitativo de Haguette (1997) para coleta dos dados, junto a uma amostra com perfil qualitativo de oito “Migrantes de Retorno da Cidade”, oito “Resistentes à Migração à Cidade” e dez estudantes dos ensinos fundamentais e médio da Escola Municipal do distrito de Guanumbi.

Utilizamos o gravador e o diário de campo que possibilitaram o registro das informações e o relato oral. Pretendeu-se revelar a trajetória histórica da comunicação dos jovens com seus parentes para, nessa relação, identificarmos diferenças e características das instâncias de relação. Seguimos a definição de Meihy (1998) sobre história oral.

5. Discussões e Detalhamentos

As relações comunicativas se estabeleceram, ao longo das décadas, através de uma rede interativa (horizontal), tendo a televisão (vertical) possivelmente como complemento das informações intercambiadas por essa rede. A escala dessa rede – as ligações paralelas entre as formas de comunicação – se dá em alguns casos quando se faz uso do telefone para confirmar as informações recebidas na carta. Tinha que haver um motivo para telefonar ao parente na metrópole e a carta servia como pretexto. A visita do paulista na vila rural confirma as conversas pela carta e pelo telefone, além do próprio jovem visitante que traz pessoalmente cartas para os outros. A “operação marginal” recebe a influência sobretudo dos informativos da televisão, mediante os gêneros de programa telejornalísticos, como “Cidade Alerta” (Record), “Brasil Urgente” (Band) e Jornal Nacional (Globo) – programas mais assistidos pela juventude rural na busca por informações sobre São Paulo.

Nos textos falados, o discurso dos jovens rurais de hoje reflete a ideologia dos primeiros filhos de agricultores que migraram para São Paulo, durante a década de 50 e 60. Voltar de São Paulo, tanto ontem quanto hoje, significa retornar com um *glamour*, uma áurea do “herói” (que venceu as intempéries da cidade), do “sabido” (que conquistou saber sobre “o novo mundo”) e o “lorde” (que chega travestido da indumentária moderna), contando histórias da metrópole, trazendo presentes como um caixeiro viajante. Assim, o jovem urbano descendente de nordestino é a própria mensagem, a própria notícia desse “novo mundo” paulista.

Em 70, cresce o número das antenas de retransmissão de emissoras de TV no interior de Pernambuco. Em 80, cresce o número de sítios com antenas parabólicas e preço do aparelho televisor fica mais em conta. Em 90, com a privatização da (TELPE) Telecomunicações de Pernambuco, cresce o número de telefones públicos e residenciais. Ao longo dessas décadas, melhora a malha viária para o transporte de passageiros, diminuindo o intervalo de recebimento das cartas e aumentando a frequência de viagens do paulista para as vilas rurais.

A Tabela 1, a seguir, mostra de maneira superficial – sem deixar de ser significativa – a relação dos jovens rurais da atualidade com suas formas de obter notícias sobre São Paulo. Nota-se que a atualização do imaginário da metrópole varia em função do veículo: com a carta há menos velocidade de atualização que por telefone, que atualiza em tempo real o imaginário.

Durante o período de visita do paulista na vila rural – sempre nas festas juninas e no final de cada ano – o jovem urbano é o centro das atenções, enquanto que na periferia de São Paulo o jovem urbano vive à margem, na periferia. Para alguns, os programas sensacionalistas representam a metrópole como “movimentada”, “interessante” e violenta”. A televisão complementou aquilo que se falava sobre a cidade.

Tabela 3: *Relações Comunicativas – Diagnóstico da comunicação estabelecida pelos jovens de hoje à procura de notícias sobre São Paulo e seus parentes*

Jovens de Hoje	COMUNICAÇÃO POR CARTAS (Visual dialógica remota)	COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL (Oral/Visual dialógica real)	COMUNICAÇÃO MASSIVA (televisão)	COMUNICAÇÃO POR TELEFONE (Oral dialógica remota)
Cláudia	Pela carta, ela edifica a idéia de um lugar bom, de oportunidades. Intervalo maior que o telefone.	Através dos primos e colegas da vizinhança e dizem que o lugar é bom.	Não foi citada	O telefone aumenta mais a vontade. Intervalo menor que as cartas.
Jobson	Não é citada. A carta não é utilizada, pois demora demais e não dá para falar tudo.	Através dos parentes e amigos da vizinhança e sempre falam que o lugar é bom.	Não foi citada	O telefone é o meio mais utilizado, pois deixa o sujeito mais a vontade.
Jaqueline	Muitas pessoas utilizam a carta. Através dela, troca-se informações, dizem que o lugar é bom. Leitora e escritora de cartas para seus parentes..	Sempre há o comentário pelos sítios sobre São Paulo, através de amigos e parentes que dizem que lá é muito bom.	Pela televisão se vê como está ou como é a São Paulo Moderna, em especial por meio do programa “Cidade Alerta”.	Na atualidade as pessoas utilizam também o telefone. O telefone influencia mais as pessoas.
Daiana	Não foi citada	Os amigos da vizinhança explicam o modo de vida em São Paulo.	Ao que parece, sua representação da São Paulo Moderna se dá pela televisão.	Tem telefone celular no sítio.
Jardel	Não foi citada	A avó lhe incentiva para conhecer a cidade.	Pela televisão, ele representa São Paulo Moderna como interessante, movimentado e violento.	Se comunica por telefone com primos e tios em São Paulo.
Valmério	Através das cartas ele edificou o que sabe sobre São Paulo. Leitor e escritor de cartas para seus pais.	Não foi citada. Ele diz não se sentir influenciado pelos Outros. Ouviu muito falar sobre São Paulo	Sempre ouviu falar de São Paulo, mas viu como era pela televisão.	Alterna a carta com o telefone ao se comunicar com os parentes.
Adrielle	Antes ela não tinha vontade, mas foi através da carta que ela construiu sua vontade de migrar para São Paulo.	Ela não deixa passar a oportunidade de conversar com um amigo ou parente quando chega em visita, para trocar informações.	Não foi citada.	Por telefone se conhece mais as pessoas pois escuta-se a voz. Depois da vontade criada pelas cartas, ela começa a usar o telefone mais vezes.
Antônio	Não foi citada.	Através dos comentários dos “paulistas” sentiu-se influenciado a migrar para São Paulo.	Via os relatórios dos noticiários da televisão para saber como era São Paulo.	Não foi citada. Ele cita apenas quando já está em São Paulo e se comunica por telefone com seus familiares.

6. Considerações Finais

De acordo com o objetivo de descrever e analisar o discurso de textos falados por jovens rurais pernambucanos, na construção do imaginário de São Paulo, a partir das relações comunicativas da juventude rural com a juventude urbana, consideramos finalmente que o dito do discurso do jovem rural de hoje, enquanto dependente historicamente do já-dito do imaginário instituído da juventude rural da região sobre a metrópole (a descrição dos textos falados dependem da análise dos mesmos), também depende de uma complementação, de maneira fragmentada, das informações dos programas de gênero telejornalístico, que por outro lado confunde a idéia de “prosperidade” da cidade grande. Essa confusão – tanto provocada pela televisão quanto pelas informações que circula pela rede de relações comunicativas de jovens urbanos e rurais - é estabelecida pela “entrada” da idéia de “decadência” mediante a atualização do imaginário da cidade, montando o que chama-se nessa pesquisa de “decodificação crítica”. Nas cartas e nos telefonemas há notícias sobre desemprego, violência e dificuldade de moradia; multiplicam-se as motivações que tipificam a migração: existem migrações esporádicas, sazonais, definitivas e periódicas.

O paradoxo entre as representações de “prosperidade” e de “decadência”, presente no discurso dos jovens rurais de ontem e hoje, parece ser uma das características fundamentais do não-dito do discurso. O não-dito também pode contemplar as relações comunicativas – aqui chamadas de “operações marginais”. Essas operações fazem circular informações que desestabilizam os valores urbanos hegemônicos consolidados ao longo do tempo, como o ideal de “melhoria de vida”. Já não se prospera na metrópole como antes. Com isso as “operações marginais” se fortificam na medida em que perde força a hegemonia do signo de São Paulo como prosperidade e cresce o discurso do fazer a vida no meio rural.

Referências Bibliográficas

ARONCHI DE SOUZA, J. C. “Gêneros e formatos na televisão brasileira”. SP: Summus, 2004.

BACZKO, Brovislaw. ‘Imaginação Social’. Enciclopédia Einandi, V.5. Portugal: Casa da Moeda, 1985.

BARABASI, Albert-Laszlo. “Linked: How Everything is connected to everything”. Editora: Plume, 2003, 304p.

CALVINO. Ítalo. “As Cidades Invisíveis”. SP: Cia das Letras, 1993.

CANCLINI, Néstor García. “Culturas Híbridas – Estrategias para entrar y salir de la modernidad”. 2ª edição. Buenos Aires/Argentina: Editorial Sudamericana, 1995.



CASTORIADIS, C. “A Instituição Imaginária da Sociedade”. 3^o ed. RJ: Paz e Terra, 1995.

GRAZIANO, J.; CAMPANHOLA, C. “O Novo Rural Brasileiro: Políticas Públicas: Uma Análise Estadual”. Vol.2. Jaguariúna/SP: Embrapa/Meio Ambiente, 2000, p139-155.

HAGUETTE, T. M. F. “Metodologias Qualitativas na Sociologia”. 5^a ed. RJ: Vozes, 1997.

LINS DA SILVA, C.E. (Org.). “Comunicação, hegemonia e contra-informação”. SP: Cortez, 1982.

MACHADO, Juremir. “Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. “O escavador de silêncios”. São Paulo: Paulus, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Manual de História Oral”. São Paulo, Loyola, 1998.

MENDONÇA, Sonia R. de. FONTES, Virgínia M. “História do Brasil recente – 1964-1980”. São Paulo: Ática, 1988, 90p.

ORLANDI, Eni P. “Análise do Discurso: procedimentos”. Campinas/SP: Pontes, 2001.

PRYSTHON, Ângela. “Cosmopolitismos periféricos: ensaios sobre modernidade, pós-modernidade e estudos culturais na América Latina”. Recife: Bargaço, 2002, p.22.

SANTAELLA, Lúcia. “Cultura das Mídias”. São Paulo: Editora Razão Social, 1992

_____. “Matrizes da linguagem e pensamento”. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001, 431p.

SOUZA, Itamar de. “Migrações Internas no Brasil”. RJ: Vozes, 1980, p. 15-32.

SILVA, Gislene. “O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo”. São Paulo, novembro de 2000. Tese de Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

WILLIAMS, Raymond. “O Campo e a Cidade”. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.